

canto, representações teatrais, passeios, idas a museus e teatros. Diferentemente do esquema que conheciam no ginásio ou colégio, onde predominavam as aulas expositivas, os jovens do Movimento eram convidados a participar ativamente nas reuniões de sua *kvutzá*.

Além das atividades específicas de cada *kvutzá*, havia atividades conjuntas das *kvutzot* da mesma *shichvá* (camada de idade) e de todos os *chaverim* da mesma cidade, tais como comemorações de datas judaicas ou do movimento operário. No período de férias escolares, o Dror realizava seus grandes acampamentos (*machanot*) com atividades intelectuais (palestras ideológicas e educativas) e físicas e seus congressos (em que se fazia um balanço da situação do Movimento e um planejamento para o próximo período).

Quase todos os *chaverim* participavam do chamado *proselitismo*, que incluía todas as formas empregadas para conseguir mais adeptos para o Dror, convidando outros jovens para as reuniões e acampamentos ou convencendo os pais de crianças e adolescentes a permitirem a participação de seus filhos. Assim, o Movimento garantia sua reprodução.

### 1.3. Os *chaverim*

#### 1.3.1. Origem familiar

Histórias de vida distintas diferenciam os jovens judeus do Dror impedindo que sejam tratados como um grupo homogêneo; por outro lado, podem ser vistas como peças do mosaico que retrata o processo de imigração e integração dos judeus no Brasil na primeira metade do século XX.<sup>46</sup>

A maioria dos *chaverim* era constituída por filhos de imigrantes vindos da Rússia, Polônia, Ucrânia, Lituânia e Romênia, na década de 20 e início dos anos 30, procurando escapar das dificuldades econômicas e das privações e sofrimentos impostos pelo anti-semitismo. (Boa parte deles, especialmente os que ingressaram no Movimento na década de 50, havia nascido no Brasil). Chegando ao novo país, seus pais, desqualificados profissionalmente e sem recursos para montar um negócio, frequentemente tornaram-se mascates. Vendiam as mais variadas mercadorias, que carregavam em pacotes ou malas, de porta em porta, roupas, tecidos, gravatas, cobertores, quadros... (Valia de tudo para conquistar freguesia, até imagens de santos católicos... *Santa Luzia, protetora dos olhos, Santo Antônio, casamenteiro*...). Ainda que variassem quanto a seu passado e grau de formação, a necessidade da sobrevivência, a dificuldade com a língua e a mudança brusca de ambiente igualavam esses rapazes e, muitas vezes já, pais de família, que se dedicavam ao pequeno comércio do *clintelchik* (venda a prestações, de porta em porta) lutando para melhorar de vida. As mulheres, que vinham junto ou eram chamadas depois pelos pretendentes ou maridos, desdobravam-se para multiplicar as economias e cuidar das crianças. Algumas delas também trabalhavam como costureiras, manicures, professoras ou cozinhavam para pensionistas procurando aumentar o orçamento doméstico. A solidariedade do grupo - traduzida em atos como receber e hospedar os imigrantes, apresentar fornecedores e clientes, financiar mercadoria, ajudar com a língua, as operações financeiras, a vinda de parentes, o aluguel de uma casa - também contava para o sucesso dos mascates judeus. Com muito trabalho, os lucros obtidos nas vendas à crédito e

aproveitando as oportunidades surgidas no desenvolvimento econômico do país, várias famílias conseguiram, com o tempo, estabelecer um negócio próprio: um armazém, um empório, uma lojinha de móveis, de tecidos ou de roupas feitas, uma pequena malharia, uma confecção, uma fábrica de guarda-chuvas. Várias tiveram sucesso em ampliá-lo e seu público consumidor deixou de ser exclusivamente fregueses pobres, operários e outros assalariados mais humildes, que só podiam comprar fiado, passando a englobar camadas mais ricas da população. A lojinha tornou-se, por vezes, uma grande loja de móveis, a pequena fábrica, uma indústria..., em alguns casos, propriedades que rendiam um bom aluguel foram incorporadas aos bens familiares. Como tantos outros imigrantes ligados às áreas da indústria e do comércio<sup>47</sup>, os judeus no Brasil se beneficiaram do desenvolvimento econômico do país no período da II Guerra e nos anos que se seguiram. Puderam, então, dar aos seus filhos uma condição de vida estável, com um certo conforto, *porque naquela época a vida era tranqüila*, não se exigiam grandes despesas, tanto que vários destes nem se recordam de períodos difíceis de grandes privações embora saibam, ou imaginem, que sua família tenha passado por isso. De um modo ou de outro, os filhos viveram sua juventude em uma etapa do ciclo de vida familiar em que a família já estava em condições materiais bem melhores que no período da imigração e instalação de seus avós e pais no país.

Meu pai começou como mascate (prestamista ou o "russo da prestação", como se dizia na época) e logo conseguiu transformar-se em comerciante estabelecido, com um negócio próprio. Então, trouxe minha mãe... casaram-se e, um ano depois, eu nasci. Moravam no Bom Retiro, como todos no começo. Era o esquema de loja-e-casa (morava-se na loja), a mercadoria variava de acordo com a época (peles, no início, depois, confecção e malharia). Se houve época difícil, no começo, para o meu pai, eu não vivi dificuldades, pelo contrário, eu cresci na vida com um sentimento de abonado. [9]

Na fase de minha vida em que já estávamos na Moóca, a vida da família já não era mais uma vida difícil. A loja de meu pai na Moóca era muito grande. Eu me considerava muito privilegiada, nem sei bem se era, mas cresci me sentindo filha de gente de posses. Na Moóca, todos faziam questão de cumprimentar meus pais. [14]

(...) eu sempre me senti bem quanto à questão material. Um jovem de periferia, cujo pai tem uma loja, sente-se um ricoço, porque os outros vão comprar na loja do pai, dão seu ordenado para ele... [antes,] no tempo de ambulante, meu pai tinha uma charrete, o que, para os filhos, era "o máximo!", porque todo mundo queria andar nela... [25]

A situação familiar naquela época era muito difícil, eu sentia o que meu pai sofria trabalhando com cobertores... chegava suado, cansado, doente. De 1939 até 52, moramos de aluguel (como a maioria dos outros judeus, em um fundo de quintal, numa casa dividida com outras famílias). Depois, mudamos para uma casa modesta, que meu pai comprou para pagar em quinze anos. Entretanto, nenhum dos três filhos precisou trabalhar para ajudar o orçamento doméstico. [29]

Meu pai veio pé rapado e chegou a um nível de poder dar estudo pago para os filhos, nesse ponto, nós, os filhos, éramos favorecidos. [7]

Os grandes centros urbanos eram os que, em princípio, ofereciam as melhores oportunidades para esses imigrantes. São Paulo, por exemplo, era uma cidade atraente não só pelas possibilidades oferecidas aos mascates em termos de mercado consumidor e fornecedor de produtos (grande parte das mercadorias vendidas no interior do estado eram

compradas na capital, freqüentemente, de outros judeus no bairro do Bom Retiro), como também em termos sociais, já que aí a coletividade judaica era maior, mais forte e organizada.

Entretanto, a vida em cidades menores e mais afastadas também fez parte da trajetória familiar de muitos jovens do Dror. No interior, em cidades relativamente próximas às capitais e grandes centros e que ofereciam condições objetivas para garantirem a sobrevivência como mascates ou já pequenos comerciantes ou industriais, judeus encontraram seu espaço e constituíram suas famílias. Em cidades próximas a São Paulo, como Campinas, Santos, Santo André, Sorocaba, Jundiaí, Taubaté, as comunidades judaicas se desenvolveram acompanhando a evolução da economia de cada local (ligada às heranças da cafeicultura, à ferrovia, ao crescimento da mão de obra assalariada urbana - necessitada e capaz de comprar os produtos comercializados -, e/ou ao desenvolvimento industrial). Vários judeus saíram de São Paulo em direção a essas e outras cidades procurando escapar às dificuldades da concorrência.

Por outro lado, houve muitas famílias que se mudaram do interior para a metrópole em busca de trabalho e de uma convivência mais intensa com judeus, na tentativa de evitar a *assimilação*, pois sentiam que seus filhos teriam dificuldades em participar da vida econômica e social da cidade em que estavam sem se integrar à cultura local e sem perder sua identidade judaica.

Meus pais saíram de Taubaté, porque, conta a lenda da família, meu irmão pequeno encontrou o padre na rua e beijou-lhe a mão; então, meus pais resolveram ir para São Paulo em busca de uma comunidade judaica maior. Para eles, era uma questão vital que suas crianças crescessem como judeus. [14]

Os bairros de maior concentração de judeus, representavam para muitos *intimidade e segurança*<sup>48</sup>. Mas mesmo no bairro do Bom Retiro em São Paulo, conforme mostra o sociólogo Florestan Fernandes, as crianças judias estavam sujeitas, como todas as outras, à socialização através dos grupos infantis formados nas ruas para recreação - as "trocinhas". Nesses grupos, o folclore infantil promovia o contato das crianças com valores da sociedade brasileira iniciando-as na cultura vigente e preparando-as para a vida adulta, exercendo, portanto, uma função integradora, já que os elementos de grande parte dos jogos, canções e brincadeiras infantis nos anos 40 eram tradicionais, vinham do patrimônio cultural brasileiro sem praticamente nenhuma contribuição estrangeira. Assim, também através dos filhos, os pais imigrantes chegavam a ser reeducados em valores culturais do país.<sup>49</sup> Não era à toa que muitos pais se preocupavam com a formação judaica de seus filhos, procurando preservar o que acreditavam ser o judaísmo e a coesão grupal.

Além da preocupação comum aos imigrantes de procurar manter certos hábitos e tradições cultivados nos países de origem, unirem-se e desconfiarem dos nativos, entre os judeus, o medo da assimilação, nessa época, era reforçado pela tragédia dos parentes mortos na Europa, *todo o resto da família que ficou lá foi exterminado na Guerra*, e do judaísmo, *que lá era forte e acabou desaparecendo completamente*.

Certas famílias faziam questão de colocar seus filhos em escolas judaicas existentes em locais de comunidade numericamente mais expressiva. Assim, muitos *chaverim* do Dror passaram por escolas com diferentes orientações: as *progressistas*, anti-sionistas onde se

ensinava o iídiche (como o Sholem Aleichem); as *religiosas*, que davam uma concepção de judaísmo mais voltada à religião (como a Talmud Torá); as *filo-sionistas*, que identificavam mais o judaísmo como nação e, portanto, ensinavam hebraico (como o Renascença). Outras famílias, por falta de opção ou anteendo a necessidade de uma formação mais adequada ao futuro profissional de seus filhos matricularam suas crianças em escolas públicas ou particulares não judaicas. Desse modo, boa parte dos *chaverim* chegava ao Dror sem ter tido qualquer educação judaica formal, passando a conhecer os conteúdos judaicos através da ótica do Movimento juvenil.

Nessa época, independentemente da origem, as famílias dos imigrantes judeus atribuíam uma grande importância ao estudo dos jovens como um caminho para a aquisição de uma profissão urbana e valorizada socialmente. Na formação escolar dos filhos e filhas (principalmente dos rapazes para os quais acalentavam sonhos de um futuro como profissional liberal ou empresário), depositavam suas esperanças de maior participação política e cultural e construíam boa parte dos seus projetos de ascensão social e econômica. Portanto, empreendiam muitos esforços para que seus filhos pudessem estudar, se possível, com bons professores em boas escolas.

Meu pai foi, primeiro, mascate, depois, montou um empório, depois, teve loja de móveis (como os outros judeus em Pinheiros). Meus pais nunca chegaram a ter uma situação muito vantajada, eram classe média média, viveram em casa alugada por muito tempo, mas faziam questão que os filhos estudassem em ótimas escolas. [8]

Isso explica a presença de jovens judeus de famílias de vida relativamente simples estudando em escolas consideradas de elite, o Mackenzie por exemplo, ou alcançando as universidades mais cotadas como a USP ou a Escola Paulista de Medicina, ou até estudando em escolas cristãs. Nessa época, as escolas públicas, além da vantagem de serem gratuitas, eram consideradas de bom nível, até melhor que o das particulares, sendo, portanto, muito procuradas pelos judeus que acabavam tendo como colegas jovens dos mais variados grupos sociais. (Antes de o Dror se posicionar contra os estudos universitários e a favor da preparação em nível técnico para seus *chaverim*, havia no Movimento vários universitários entre os mais velhos. Depois da nova orientação, os jovens, muitas vezes contrariando seus familiares, procuraram, a partir dos 15, 16 anos aproximadamente, obter uma formação profissionalizante que julgavam mais adequada a seus projetos de vida.)

Além dos nascidos no Brasil - que cresceram familiarizados com a língua portuguesa, o ensino das escolas brasileiras, o futebol, as músicas, o padrão estético, o tempero das nossas comidas, a mistura étnica e os valores da cultura nacional - encontramos, entre as primeiras gerações de *chaverim* do Dror jovens, eles próprios, imigrantes. Tendo chegado ao Brasil nos infernais anos próximos à Guerra ou mesmo já durante o Conflito Mundial, traziam consigo lembranças das dificuldades vividas pelos judeus na Europa, do preconceito e da exclusão, da aflição dos familiares buscando um meio de emigrar e das experiências de peregrinação por diversos países, em fuga e, mais tarde, tentando recomeçar a vida.

Os que viveram na Alemanha, Itália ou países ocupados, chegaram testemunhar e a sentir na própria pele os efeitos das medidas discriminatórias dos regimes anti-semitas nazifascistas. Viram ruir a segurança de suas famílias estabelecidas e assimiladas. Na mudança

de um país para outro, sentiram a queda do nível econômico familiar, perderam amigos, ouviram histórias e carregaram lembranças de conhecidos que ficaram para trás e não se salvaram.

A família Singer foi obrigada a vender sua mercearia num subúrbio de Viena e a se mudar para o centro da cidade quando os nazistas alemães anexaram a Áustria e começaram a restringir as atividades econômicas dos judeus. A mãe, viúva, passou dois anos angustiada correndo os consulados e falando com outros judeus tentando conseguir um visto para algum lugar do mundo. Nessa época o garoto Paulo estudava em uma escola para crianças judias, proibidas de freqüentar as mesmas escolas que os não-judeus. Em 1940, ele e a mãe chegaram ao Brasil.

No final dos anos 30, Sigue, por ser judeu, freqüentemente se via envolvido em brigas de rua com outros meninos alemães chegando a levar, em consequência, pontos no lábio e no supercílio. Em 1938, como as outras crianças judias, foi expulso da escola. Nesse mesmo ano, ao levantar-se na manhã do dia 10 de novembro, Sigue, então com 8 anos, encontrou as janelas da loja da família destruídas por tijolos arremessados da rua. No segundo andar, dois nazistas da SA gritavam com seus pais. Quando saiu à rua, viu por toda parte janelas quebradas, até em lojas que nem sabia pertencerem a judeus. Da sinagoga principal somente as paredes externas permaneciam em pé. Ainda havia fumaça no local. Em volta, as pessoas olhavam em silêncio. Era o dia seguinte à Noite de Cristal, quando sinagogas foram queimadas e estabelecimentos de judeus atacados por nazistas. Até então, por gozarem uma vida econômica confortável no país, os Friesel não tinham se dado conta de que já era bem tarde, seu tempo na Alemanha estava esgotado. Sigue, suas irmãzinhas gêmeas, e seus pais chegaram ao Brasil no início do ano seguinte. O restante da família, dos lados paterno e materno, foi vítima do Holocausto.

Na Itália, as famílias de Gabriel e de Elena viviam uma boa vida de classe média alta. Os Bolaffi consideravam-se italianos bastante integrados. Os Camerini, *italianos desde a época do Segundo Templo!*. Sem terem sofrido nenhuma restrição até o surgimento das leis raciais de Mussolini, estas, como tantas outras família judias, viram-se obrigadas a deixar do país, perdendo, de uma hora para outra, direitos, amigos e bens. Chegaram ao Brasil em 1939.

Na Polônia, onde nasceu e viveu até os 6 anos de idade, Mira chegou a usar a estrela amarela discriminatória do nazismo. De lá sua família fugiu. No Japão, o pai conseguiu visto para o Brasil enquanto Mira, a mãe, e as duas irmãs permaneciam mais um tempo na Europa. Na Espanha, elas conseguiram visto para o Paraguai. “Puderam ver o pai num barco, em Santos, porém só mais tarde a família se reuniu em São Paulo”<sup>50</sup>. No início da adolescência, em 1944, Mira chegou ao Brasil carregando consigo experiência de ter passado a Guerra na Europa; era uma das poucas pessoas no Movimento com esse *background*.

Paulo Singer, Sigue Friesel, Gabriel Bolaffi, Elena Camerini e Mira Wainfeld<sup>51</sup> participaram do Dror no Brasil. Como tantos outros com histórias semelhantes e infância já marcada pela experiência da imigração, ajudaram a desenhar o Movimento brasileiro. Alguns rapidamente se adaptaram ao novo país passado um breve período, afinal, como vários deles diriam, *em meio a tantos de origens tão variadas, não era difícil sentir-se confortável e igual a todos os outros*. Outros, entretanto, tiveram dificuldades expressas na sensação *de não pertencer* que acompanhava Mira, *de não saber muito bem se eu era eu ou*

*se eu estava, de certa forma, me observando que incomodava Bernardo C., de não estar em casa no Brasil, embora fosse um país muito hospitaleiro para Sigúe ou em todas aquelas síndromes que sociólogos e antropólogos descobriram nos imigrantes marginais, como diagnosticada hoje Gabriel que, entre os 5 e os 18 anos, se perguntava O que eu era? Brasileiro, como os meus vizinhos da rua Maranhão e meus colegas do Mackenzie, um italianinho de merda, como me xingavam quando as relações encrespavam ou um judeu que teria matado Cristo, como me perguntou, só para confirmar, um vizinho coetâneo?*<sup>52</sup>.

Muito mais raros, mas também presentes no Dror, eram os filhos de *pioneiros*, homens e mulheres que chegaram a viver na Palestina levados por idéias revolucionárias alimentadas na juventude na Europa (nas efervescentes Viena, Varsóvia... dos anos 20), e que, mais tarde, por problemas econômicos ou familiares, emigraram para o Brasil. Carregavam o sobrenome hebraico adotado pelo pai e cresciam familiarizados com histórias da terra de Israel, pioneirismo, proletarização, mulheres independentes e revolucionárias... Os pais de Lea Ben Iaquir achavam que logo voltariam para a Palestina (ficaram ainda por mais de 20 anos). O pai de Nair El Asari, depois de algum tempo no país, comprou um sítio em Jundiáí adotando novamente o trabalho na terra como opção de vida (ele já havia morado em kibutz) e organizando uma cooperativa na região, enquanto a mãe envolvia-se em atividades sionistas.

Em termos de procedência, a maioria dos participantes do Movimento era de jovens judeus de classe média nascidos na Europa Oriental ou no Brasil de famílias que de lá emigraram; havia também um número menor, mas significativo, de descendentes de europeus ocidentais (italianos e alemães); os “judeus orientais” (vindos de países muçulmanos a partir do final dos anos 40) não se interessavam pela ideologia do Movimento apesar dos esforços dos *chaverim* em cooptá-los (e os judeus *sefaradim* vindos da Grécia ou Bulgária eram muito raros no Brasil).

Assim como havia variações entre os *chaverim* em termos do que podemos chamar de origem territorial (já que a palavra nacional era empregada ideologicamente para o povo judeu como um todo, uma nação), havia também diferenças em termos de outros aspectos da história familiar: o nível educacional e a profissão dos pais, o envolvimento com os eventos e instituições da coletividade, o modo de encarar as tradições judaicas, a cultura ídiche e a religião, a situação econômica.

A maioria esmagadora dos jovens judeus que ingressavam no Movimento vinha de famílias que procuravam conservar as tradições judaicas ligadas à religião, como comemorar o *Shabat* e as grandes festas de *Pessach*, *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* e outros eventos mais relevantes como o *Brit Milá*, o *Bar Mitzvá* e o casamento religioso sem serem religiosas radicais, ortodoxas. (Muitas vezes, os avós eram mais religiosos que os pais). Um pouco mais preocupadas com a religiosidade, outras menos (havia as que nem iam com frequência à sinagoga e as que ajudaram a construí-la), abraçavam da religião muito mais o seu caráter de encontro social e identificação grupal que os preceitos, frutos de certas interpretações bíblicas, que levavam as pessoas a exteriorizarem o fervor religioso através de uma série de práticas como, por exemplo, comer apenas *kasher*. Um número bem menor de *chaverim* pertencia a casas que só comiam comida *kasher*, por exemplo, e eram consideradas muito mais rígidas em termos de comportamentos religiosos. E um número também pequeno tinha pai ou mãe *anticlerical*, não-religioso(a), contrário(a) à educação

religiosa dos filhos ou até anti-religião - o que não significava, sob seu ponto de vista, falta de identificação sua com os judeus ou com o judaísmo. (No Movimento, os jovens tinham possibilidade de adotar uma postura diferente da de seus pais, como veremos adiante. Certas pessoas, como o *chaver* Richard Kanner, já chegaram ao Dror com uma postura agnóstica: *ao questionar como Deus havia permitido os campos de concentração, larguei toda a crença religiosa*. Outros *chaverim* desenvolveram um pensamento crítico perante à religião e até anti-religioso em sua trajetória no Movimento.)

Em algumas casas de judeus originários da Europa Oriental não só se falava o iídiche como se ensinava os filhos a ler e se expressar nessa língua fazendo-os conhecer a literatura produzida por escritores como Sholem Aleichem, Bialik, Shalom Ach e Mêndele; entre esses havia inclusive alguns, os chamados iídichistas, como o pai do *chaver* Bernardo Kucinski, que escrevia em iídiche, crônicas, poesias e artigos para jornais que circulavam dentro e fora do Brasil. Os judeus “ocidentais”, por sua vez, pouco sabiam sobre a cultura judaica forjada no *shtetl*<sup>53</sup>, haviam sido muito mais aculturados em seus países de origem. As diferenças sócio-culturais entre esses dois grupos criavam certas distinções - *sentimentos etnocêntricos por parte dos membros do subgrupo originário de um mesmo país no estrangeiro*<sup>54</sup> - que eram reproduzidas, em parte, pelo mundo adulto no Brasil. É um fato que em geral os judeus urbanos vindos da Itália, Alemanha, Hungria, consideravam-se mais cultos e cosmopolitas que os originários da Europa Oriental, que alguns chamavam pejorativamente de *judeus de aldeia*, mascates, com mentalidade estreita, sem refinamento; em São Paulo, por exemplo, procuravam morar em Higienópolis, no Pacaembu e outros bairros que não o Bom Retiro, onde se concentravam os judeus vindos da Europa Oriental e diziam-se diferentes destes.

Meus pais eram judeus, mas antes de mais nada italianos bem italianos. Seu judaísmo era definido apenas pela religião e nada cultural. Instalaram-se em Higienópolis, numa época em que não havia judeus lá, num porão (dois quartos com banheiro, sala e cozinha) em baixo de uma grande mansão. Isso era muito raro para a época, pois o bairro era aristocrático e judeus sem dinheiro não moravam lá, mas a minha mãe fez questão de morar lá e de me colocar para estudar em uma escola de elite. [17]

Em geral, entre os europeus orientais podiam ser encontrados os judeus mais afeitos às tradições religiosas, mas também aqueles com forte tendência para a esquerda, socialista ou comunista, bastante politizados e vários ligados a partidos como o Poalei Tsion/MAPAI, o Bund, o MAPAM.

A questão é: essas diferenças entre esses dois grupos também eram reproduzidas pelos jovens dentro do Dror? Já vimos que um movimento sionista como o Dror atraía mais os judeus de famílias da Europa Oriental e que os “ocidentais”, embora desempenhando também papéis importantes, estavam em minoria. Para o sociólogo Gabriel Bolaffi, *as barreiras que fragmentam a comunidade adulta se prolongam no setor juvenil*. Para o historiador Eviatar Friesel, *sionismo e idéia de emigração para Israel são movimentos que surgiram principalmente na Europa Oriental e de alguma forma nós, filhos de imigrantes da Europa Oriental, recebemos essa tradição, por isso é que, por exemplo, não tivemos sucesso algum em atrair sefaraditas para o Dror*. Portanto, já havia uma espécie de pré-seleção condicionada por critérios de origem familiar no momento de entrar no Movimento (os pais mais ligados ao sionismo socialista ou os que valorizavam a preservação da cultura judaica e a não assimilação, por exemplo, apoiavam a participação de seus filhos; os jovens

estavam mais acostumados ao contato com judeus de mesma origem) e quem entrava de fato no Dror já estava mais predisposto a se adaptar ao meio. Porém, a questão permanece: entre os jovens já no Dror, as diferenças desse tipo afetavam suas relações reproduzindo as mesmas distinções do mundo adulto? Tendo a crer que a resposta é não, embora estas distinções possam ser vista em alguns depoimentos atuais.

Havia poucos no Movimento de origem "aristocrática", pois a maioria dos judeus era de classe média baixa que dariam a alma para os seus filhos estudarem e se distinguirem, embora os pais mesmo fossem "gente primitiva" (meus pais não se davam com os judeus [do bairro] por isso). O [...], o [...], o [...], o [...] [nomes de chaverim de famílias da Europa Ocidental] não eram assim primitivos - faz diferença, em criança, já ser filho de pais que lêem e têm uma certa cultura, conhecem e falam várias línguas, têm acesso a livros... esses eram filhos diferentes, tinham uma cultura de berço (havia outros que eram bons intelectualmente, mas que não tinham essa cultura de berço) - não é preconceito, estou julgando apenas a diferença de culturas. (...) Para os meus pais, vindos [da capital de um país da Europa Central] era natural eu participar do Dror e ter esses amigos (meus pais valorizavam a cultura e gozavam quem não tinha, "porque saiu do gueto ontem"), nós éramos diferenciados, cultos, brilhantes e não éramos "do Bom Retiro". (...)

No Movimento, a gente fazia um grande melê. Mas era separado. Havia duas "classes". Uma era a dos imigrantes do Leste e os que, na definição debochada de meu pai, "como os da nossa família, saíram do gueto cinquenta anos antes"; a diferença de "cinquenta anos" é vital: aprende-se a comer, a vestir-se e ganha-se pensamento abstrato, essa diferença faz você capaz de dizer: "consumismo é uma coisa e beleza ou conforto é outra", "uma coisa é ser consumista e a outra coisa é você querer viver bem"... Na casa ou apartamento de um judeu, na década de cinquenta, na Lapa, no Bom Retiro, ou no Ipiranga, a sala de visitas não era usada por ninguém a não ser quando vinha visitas; as pessoas se sentavam em volta da mesa, porque não tinham familiaridade com a poltrona. Na minha casa, sempre se sentou nas poltronas. Então, eu me senti melhor na outra kvutzá [com jovens parecidos comigo], porque era gente que se sentava em poltronas e não rastaquera do tipo que confunde a beleza com burguesisse, não sabem, e nem querem aprender, como servir uma mesa, como receber visitas, como comer de maneira correta. (...) Mas nós, como colônia na judaica, pelo menos 80%, ainda estávamos num nível que arruma a mesa bonita só no Shabat... Eu tenho a impressão que os que eram "saídos-do-gueto-cinquenta-anos-antes", ou os que "nunca estiveram em gueto", sabiam arrumar a mesa não só para agradar os outros, mas a si também. Eu acho que as pessoas não falam isso para você, talvez porque tenham vencido essa etapa muito mais tarde [e não naquela época], pessoas que conseguiram, nestes quarenta anos, sair daquele "semi-gueto" em que se encontravam. Eu não estou sendo preconceituosa, porque eu casei com o [...] cuja mãe veio da Polônia, contra a vontade de meu pai, que julgava sua família subumana, [sem educação, sem requinte embora vivesse num apartamento grande] e eu via coisas boas em sua família e ruínas na minha, mas, de qualquer maneira, na minha, as prateleiras eram cheias de livros e meus pais falavam sobre coisas interessantes. (...)

Existia o preconceito [entre os judeus dos dois tipos] na geração do meu pai. Na nossa geração não tinha (quando eu casei, aos 22 anos, eu não entendia o que o meu pai estava dizendo, mas eu hoje entendo). [16] [grifo meu]

Para mim, entrar no Movimento foi muito agradável, porque o pessoal era de um nível bom, não eram aqueles judeus assim... "do Bom Retiro"... esse primeiro que me levou [para o Dror], e era meu madrich, era italiano, o segundo também era um amigo dele, quero dizer, gente mais... até para aparecer na casa dos meus pais... não era gente tão pobre, de classe social tão diferente que meus pais fizessem alguma objeção. Depois, quando eu fiquei mais velha e comecei a fazer parte mesmo do Movimento e começaram a vir as pessoas [outros do Dror], meus pais ficaram assim [meio assustados]: "- O que é que é isso?", mas, no início, não, [achavam que] eram "gente feito a gente". (...)

Eu tenho a impressão de que permaneci no Movimento não pela parte judaica (...) eu não gostava dos tipos judeus, eu sempre tinha que fazer um exercício para mim mesma para pensar que Einstein e Freud eram judeus, porque os judeus que eu via eram uns judeus muito... um pessoal muito simples que, dentro da minha casa, era [considerado] um negócio meio desprezível: eles

falavam mal o português, eram gente sem modos, e, na minha casa, sempre foi considerado muito importante saber ter modos, saber falar, saber sentar, saber comer, e [aquele] pessoal era o oposto. [26]

Penso que, no Dror, as distinções, referidas nestes depoimentos, presentes no mundo adulto, não se reproduziam do mesmo modo entre os jovens. Várias pistas em conjunto levam a essa conclusão. Os próprios depoimentos citados mostram que no Movimento não se dava importância a essas distinções (*se fazia um grande melê*), que os jovens criavam padrões de comportamento próprios e, em sua convivência de grupo, não estavam preocupados com regras de etiqueta, sofisticação no vestir ou distinções econômicas. A preocupação em “selecionar companhias” sob tais critérios, quando havia, vinha não dos filhos e sim dos pais, judeus “ocidentais”, que, pelo visto, nem tinham muito sucesso nesse particular. Não encontrei indícios de que o sentimento de tal diferença, conforme citado, fosse explicitado na época por parte dos jovens (e não é possível fazer psicoterapia do passado para saber se de fato ele existia sem se manifestar). Nenhum judeu de família originária da Europa Oriental ou mesmo da Alemanha mencionou o assunto em depoimento. E, finalmente, por se tratar de jovens, sem ainda uma posição totalmente definida na sociedade (portanto, sem preocupações de manter esse ou aquele *status* social), e mais, com objetivos revolucionários socialistas, podemos acreditar que, de forma nítida e concreta, não havia uma classificação social nos moldes mencionados determinando as relações entre os *chaverim*. A consciência de certas diferenças ligadas ao *background* familiar de cada um até poderia existir, mas não como algo que pautasse o comportamento dos *chaverim* criando subgrupos dentro do Movimento. Se alguns tinham mais acesso a livros, se tiveram oportunidade de aprender línguas, se entendiam, como seus pais, de política partidária ou de tradições judaicas, via de regra, procuravam compartilhar seus conhecimentos com o coletivo. Os que tinham hábito de leitura estimulado em casa o viam reforçado no Movimento; os que conheciam tradições judaicas puderam ajudar na recuperação e releitura que o Dror fez dessas tradições, etc.. Portanto, ressaltar demais essas diferenças “de berço” pode levar a equívocos, pois, no Movimento juvenil, elas praticamente se dissolviam. A origem social não parecia aos jovens, na época, tão importante quanto o futuro que planejavam construir.

Somando-se a isso: os depoimentos são unânimes em afirmar que o poder econômico das famílias não era um valor no Movimento, não tinha qualquer peso na determinação da popularidade e do *status* dos indivíduos dentro do grupo<sup>55</sup>. Apesar de a maioria dos rapazes e moças do Dror virem de famílias de classe média, havia também *chaverim* ricos e *chaverim* pobres (que trabalhavam para engordar o orçamento familiar); essas minorias não sofriam qualquer discriminação no grupo.

E, por fim, é importante mencionar que havia jovens cujo pai, ou a mãe, ou algum parente próximo, estavam ligados pessoalmente à militância sionista ou que faziam seus próprios planos de ir para Israel. Havia famílias de *chaverim* que eram apenas simpatizantes do Estado de Israel e pais e mães que sequer se envolviam com esse assunto tão preocupados que estavam em *lutar para sobreviver, sustentar a família* ou *criar os filhos e trabalhar na loja*. Alguns jovens, poucos, tinham um ou outro parente que não acreditava muito nas possibilidades de sucesso do novo Estado. Essas posições familiares com relação ao sionismo, de um modo ou de outro, exerceram influência sobre os filhos.

Meus pais se envolveram com atividade sionista logo depois da Guerra - devido ao sofrimento dos judeus e o Estado de Israel, minha família toda ficou muito envolvida, meu pai trabalhava na Unificada Sionista e minha mãe na Wizo. Quando o país se constituiu, passamos a receber com frequência, em casa, embaixadores e cônsules, porque a minha casa tornou-se muito sionista e muito voltada para Israel. [10]

Meus pais eram sionistas. Meu pai era sionista atuante, trabalhava com o MAPAI e para fundos comunitários como o KKL, na verdade, ele teve mais empenho e dedicação para a vida comunitária que para a vida familiar. (...) eu acabei indo para o Movimento de mão dada com ele. Ele me levou. Não me lembro com que idade, mas eu já tinha uma compreensão... aos 8 ou 9 anos. [28]

Meus pais sempre foram sionistas. Minha mãe, principalmente, sempre teve uma relação muito forte com Israel. Meu pai também... Ser sionista era uma missão de vida. Eles estavam absolutamente conscientes de que o lugar onde deveriam morar era no Estado judeu - era a percepção deles. Agora, como realizar essa visão?, era mais fácil realizá-la primeiro através dos filhos do que através deles (...) tanto que meu irmão mais velho e minha irmã participavam já de movimentos juvenis. E eles concordaram que minha irmã fosse morar em Israel com 19 anos. [33]

Meu pai era sionista, vivia uma contradição por ser profundamente sionista, fanático, desde a Polônia era militante do Poalei Tzion, e, em contraste, ser profundamente judeu pelo lado do iídichismo e da cultura judaica [da Europa]. Acho que a cultura dele era a cultura da Diáspora, do iídiche... do shtetl, dos tipos de lá... ele conhecia tudo nos mínimos detalhes. Penso que essa vida de judeu da Diáspora era para ele algo que superava o apelo político do sionismo. Ele era um judeu típico da Diáspora, ia lá, fazia as campanhas, contribuía para o sionismo, xingava de anti-semita todo mundo que não contribuía para o sionismo, mas não ia para Israel... [23]

Meus pais não eram sionistas. Quando eu entrei no Movimento, recebi o apoio deles, mas nunca ouvi falar de sionismo em minha casa... apenas quando meus pais mencionavam alguns amigos que da Polônia foram para Israel, falavam deles como heróis, com muita admiração. Só depois do fim da Guerra... aí, meus pais já souberam do extermínio das famílias deles... nos apoiaram no Movimento, mas mais por esse motivo da Guerra... eles sabiam que um dos objetivos do Movimento era a aliá e apoiavam... quando minha mãe estava viva, me vestia bonitinha e trançava meu cabelo para que eu fosse para as reuniões toda arrumada... era um apoio desse tipo... [14]

Meu pai nunca foi sionista, não que fosse anti-sionista, ideologicamente ele era um liberal, acreditava no esforço individual, veio para a América para "fazer a América", embora tivesse um bom sentido de justiça social (hoje eu diria: liberal welfare state). Minha mãe, quando jovem, foi do Hashomer Hatzair, sua irmã mais velha havia feito aliá pelo Hashomer (na terceira aliá), como era a segunda filha, optou por se casar com meu pai e tornou-se uma espécie de provedora da irmã em Israel, mas nunca comentou se queria ou não ir para Israel, ela era muito sóbria e discreta. Com toda essa história familiar, eu crescia [infância e adolescência] sem que tudo isso significasse algo para mim. [9]

A posição dos pais se refletia no apoio dado ao Movimento juvenil, mas não necessariamente aos planos de *aliá* dos próprios filhos. Muitos familiares simpatizantes do sionismo e até líderes comunitários militantes, titubeavam ou voltavam atrás diante da concretização desta possibilidade para os seus; "*os filhos dos outros sim, os meus não*" - era uma frase dita em tom irônico pelos jovens do Movimento referindo-se ao tipo de sionismo defendido por certas famílias conhecidas. Por outro lado, ter parentes já vivendo em Israel nem sempre era um estímulo à *aliá*, já que se tinha mais conhecimento das dificuldades lá vividas pelos judeus; muitas vezes, esses parentes recebiam ajuda financeira de familiares no Brasil. Nessa época, o país estava em guerra com os árabes, o que pesava

na posição dos pais quanto à questão da emigração dos filhos.

É bom lembrar também que o momento imediatamente posterior ao fim da II Guerra não apontava claramente o futuro de prosperidade e crescente integração social que viveria, no decorrer da década de 50, boa parte dos judeus aqui instalados e, portanto, era mais fácil o Movimento contar com o apoio dos familiares nessa época que alguns anos mais tarde. Além disso, sabemos que muitos jovens entraram no Movimento por iniciativa própria contrariando, por vezes, opiniões e projetos familiares.

### 1.3.2. O que levou os jovens ao Dror? O que os atraía no Movimento?

No início desse capítulo I, foram delineadas uma série de explicações sobre o que teria levado muitos jovens judeus a militar no Dror em vez de se dedicar aos estudos universitários, perseguir um bom negócio, participar da luta por utopias socialistas não judaicas ou simplesmente *cuidar da vida*. Agora é o momento de aprofundar essa questão, que não se reduz ao levantamento das explicações, que vão das mais gerais às mais íntimas, dadas nos próprios termos dos militantes (embora ouvir a voz dos contemporâneos seja sempre um bom começo para a perspectiva histórica) e nem a relacionar de forma imediata e reducionista posição social a motivações e interesses (embora, como foi visto, o Dror exercesse especial atração em pessoas com certas características). Já foram analisados o contexto histórico e o perfil social dos jovens judeus do Movimento. Também já foram mencionados os fatores que levaram à formação de grupos juvenis em geral, de grupos de jovens imigrantes ou filhos de imigrantes e de grupos juvenis judaicos no Brasil naquele momento histórico específico. Isso tudo faz parte da explicação sobre o que fazia os jovens ingressarem no Movimento juvenil sionista socialista e o que os atraía no Dror. Há mais a dizer.

Quando o historiador Eric Hobsbawm procurou responder *Por que homens e mulheres se tornam revolucionários?* - preocupado não com especulações sobre quem vai fazer de fato a revolução ou a capacidade revolucionária dessa ou daquela classe social e sim com o que leva as pessoas a *sentirem* que deveriam ser revolucionárias - apontou caminhos: *Em primeiro lugar, principalmente, porque acreditam que o que elas querem subjetivamente da vida não pode ser conseguido sem uma mudança fundamental na sociedade* - o que de fato é o *substrato do idealismo*. Assim, o comprometimento com uma causa revolucionária implica em: sonhar com um mundo melhor, ter a sensação de que não há outro meio de consegui-lo senão através de uma transformação radical, ter alguma esperança de que esta é possível, o que normalmente está ligado a certas situações históricas.<sup>56</sup> Todos esses ingredientes podiam ser encontrados entre os jovens que fundaram e estruturaram o Dror: o sonho de uma *vida normal para o povo judeu* e um mundo mais justo para toda humanidade; a Guerra Mundial, o impacto do Holocausto e a insegurança dos que sobreviveram sabendo que mesmo judeus assimilados haviam sido mortos pelo nazismo reforçando a idéia de que não haveria paz para os judeus sem um estado nacional para defendê-los; a esperança despertada com a criação do Estado de Israel, as promessas do socialismo na época e as possibilidades concretas proporcionadas pelo novo estado para a participação dos judeus em sua construção. É certo que o Brasil oferecia condições para as famílias judias prosperarem, como de fato aconteceu com muitas, e que especificamente a

juventude de classe média aqui não encontrava problemas sérios de ajustamento em uma economia em ascensão (embora, no final dos anos 40, isso nem estivesse tão claro). Entretanto, nessa época, antes de se identificarem como brasileiros, os judeus que aqui estavam, em geral, identificavam-se como judeus em oposição a todos não-judeus, dicotomia reforçada pelos acontecimentos da Guerra, e temiam por seu povo diante dos *goim* numa perspectiva mundial. Assim, podemos entender como as condições favoráveis encontradas no Brasil - que seduziram os *que começaram a usufruir das benesses da imigração judaica e foram se adaptando ao país* - não foram suficientes para demover um certo número de jovens idealistas de seus objetivos. Idealistas não tanto por viverem problemas econômicos ou perseguições anti-semitas e sim por acreditarem que *a velha sociedade burguesa*, mesmo no Brasil, não responderia mais aos seus anseios, que o *sistema capitalista* poderia sucumbir, que os judeus deveriam *viver em sua própria pátria e não confiar mais na Diáspora*. Enfim, idealistas por entenderem que o socialismo (o do *kibutz*, não o *tirano* soviético) somado ao sionismo eram alternativas positivas e viáveis.<sup>57</sup>

Hobsbawm também afirma que existem certas categorias sociais mais propensas a juntarem-se a movimentos revolucionários que outras: os jovens (em comparação os mais velhos), as pessoas transferidas de seu meio tradicional (como os imigrantes), os membros de alguns grupos socialmente marginais. Além de jovens, os *chaverim* eram, em geral, imigrantes ou filhos de imigrantes e pertenciam a um grupo que, apesar de não ser marginal, era identificado como minoritário no país: fizeram uma escolha, dentre outras, condizente com sua época e situação social.

Nessa escolha, também não pode ser minimizado o peso da influência da atividade educacional do Movimento, que atingia não tanto os formadores do Dror quanto os formados por ele, ou seja, aqueles que entraram em uma *kvutzá* já no início da adolescência ou mesmo na infância. Entretanto, essa atividade, bem como a propaganda alimentada pela Organização Sionista e, mais tarde, por Israel, só tiveram seu relativo sucesso, porque, para tal, encontraram terreno propício.

Com o Holocausto, meus pais perderam toda sua família na Europa. Então, meu pai, que já era Poalei Tsion, tornou-se muito mais ativo. Mesmo antes do fim da Guerra e do início de toda a efervescência sionista, haviam passado pela minha casa, em Santos, as maiores personalidades judaicas que sobreviveram à Polônia (poetas, artistas, jornalistas), hospedávamos e alimentávamos todos eles. Com isso, começamos a tomar conhecimento do que tinha ocorrido com os judeus na Guerra, toda a dimensão daquele horror. (...) quando vi as fotografias dos campos de concentração junto com os sobreviventes, com aquelas crianças mortas, eu, com 15 ou 16 anos, passei por uma crise e pensei "por que eu sobrevivi e meus irmãos morreram? Eu não mereço esse privilégio. Se eu sobrevivi, algo deve ser feito, não vou ficar de braços cruzados, tenho que tomar uma atitude". Acho que não fui a única, porque formou-se um grupo, vários outros pensavam assim. (...) Quando veio a Guerra da Independência, vimos que tínhamos que fazer algo mais significativo. Alguém começou a fazer uma lista de voluntários para participar da guerra e me convidou, aceitei na hora (...) quando já estávamos tratando dos papéis (...), a guerra terminou e não era preciso mais voluntários. Ficamos frustrados e procuramos outra forma de contribuir. Os shlichim de Israel já tinham vindo e jogado a semente do sionismo, deixando-nos empolgadíssimos. A maioria deles era da esquerda. Depois veio a idéia do Movimento. Estávamos prontos para algo mais, quando vieram nos visitar a Rifka, o Fiszel... em São Paulo o Dror já era organizado. [4]

Tratando ainda de condições para o surgimento de jovens revolucionários judeus, diferentemente do que poderia ocorrer em um contexto de perseguições, *pogroms*, dificuldades econômicas (que obrigariam a saída em massa de judeus para Israel e

favoreceriam a adesão às promessas de uma ideologia anticapitalista), o sionismo e/ou o socialismo não conseguiram mobilizar e levar para Israel a grande maioria dos judeus no Brasil, incluindo os jovens, nem garantir que um bom número dos que já estavam no Dror permanecessem no Movimento até a *aliá*. Porém, foram doutrinas que influenciaram o pensamento de muitos rapazes e moças nessa época.

De fato, as simpatias e afinidades ideológicas foram importantes atrativos para os jovens com relação ao Dror. Alguns estavam mais voltados para o caráter sionista do Movimento, preocupados fundamentalmente com a questão nacional enquanto outros, mais simpatizantes do socialismo, viam nas propostas do Dror uma opção válida de esquerda.

#### *1. afinidades ideológicas (sionismo, socialismo ou ambos) e aspirações revolucionárias:*

Minha formação judia era convencional e não me inclinava ao sionismo; quando os rapazes e moças da minha turma se tornaram sionistas eu me rebelei e me afeiçoei às convicções socialistas, que já vinha nutrido há algum tempo... Bernardo [Cymyring, líder do Dror na época] concordava com minhas posições socialistas e com isso abriu uma picada que me levou ao sionismo [e ao Dror] (...) eu estava então fazendo um curso sobre o socialismo no velho PSB (...) aproveitava também para ler furiosamente a imprensa socialista de outros países (...) acompanhava com paixão a luta dos oprimidos do mundo todo contra a exploração etc. etc.. Eu era um espectador que, de repente, foi convidado a tomar parte no espetáculo. Tornei-me em poucas semanas o mais entusiasmado dos militantes. Chaver era o título de que mais me orgulhava. [Paulo Singer. "Lembranças de um velho drorista". *Na'Amat Brasil*. n.17. São Paulo. maio 1998.]

Naquela época, o Partido Comunista já estava banido. O Partido Socialista era mínimo. E mesmo nós [no Dror] não falávamos tanto em socialismo. Falávamos na necessidade de colaborar com o Estado de Israel, redimirmos o povo judeu e vivermos como iguais - o discurso era mais por aí. Havia também a idéia do kibutz: tínhamos que trabalhar com as próprias mãos como qualquer povo do mundo. Quando eu entrei no Dror, portanto, eu não tinha a menor dúvida de que faria aliá. [15]

Eu havia ficado muito atraída pelo comunismo - quem não esteve? - depois de passar por certas situações, se procura soluções extremas... mas nunca cheguei a fazer parte de uma célula... Então, quando apareceu algo [o Dror] que trazia resposta a várias inquietações minhas (o problema judaico e o social), fiquei atraída. Quando entrei no Movimento, em 1948, pelo que eu me lembro, ele já tinha um caráter sionista, mas o grande apelo, para mim, foi seu caráter socialista. Os primeiros programas e palestras eram um reflexo do que já havia aqui no país [Israel]: um país formado pelas idéias sionistas socialistas. O que mais me sensibilizou foi a idéia do kibutz socialista. Não sei se ocorreu o mesmo com relação aos outros, mas para mim o assunto kibutz era o mais interessante, porque era uma síntese: "uma revolução socialista que exige da pessoa uma transformação total, adaptação, renúncia de algumas coisas, responsabilidade sobre outras e, ao mesmo tempo, fazer isto aqui [em Israel]". Isso correspondia a minha necessidade de dar uma resposta ao Holocausto com a criação de um Estado judaico, mas fazê-lo de uma forma justa, bela, bonita, com a criação de um "novo homem". [12]

O Movimento juvenil se caracterizava um milhão de vezes mais pelas suas aspirações sociais que pelas suas aspirações nacionalistas. A gente se sentia como os salvadores da humanidade: pessoas com consciência de classe, de que havia um proletariado infeliz, subjugado, e que havia movimentos de esquerda no mundo inteiro que iriam mudá-lo depois da Guerra... Essa parte social era mil vezes mais acentuada no Movimento que a parte judaica ou nacionalista, que era um apêndice: "a gente quer acertar o mundo, mas cada povo, a partir do seu ponto nacional", como se a gente precisasse de Israel para consertar o mundo e não tanto para salvar o povo judeu. (...) Desenvolveu-se em nós uma imensa sensibilidade social (...) No Mackenzie, eu encontrei um contraste, uma alta burguesia (e judaica) que me deixava atônita. (...) às sextas feiras, na escola, entre as meninas, não se falava de outra coisa a não ser a roupa que usariam no fim de semana e isso me deixava atordoada. Como essas meninas me viam? Francamente, nem sei se elas me

viam... socialmente, deviam me achar uma tonta... uma moça que não namorava... não sabia “pegar um rapaz”... e as conversas eram só sobre como se vestiriam para serem atraentes, com quem se sentariam ou dançariam... Hoje, vindo de longe, me pergunto: será que as uvas não estavam verdes?... O que eu sei é que eu simplesmente não pertencia ao mundo delas e sim a um outro mundo, que começava na Moóca (onde os operários da fábrica do Crespi de tecelagem eram clientes do meu pai) e acabava no Bom Retiro... Esse momento histórico, o fim da Guerra, foi o apogeu dos movimentos de esquerda... e a gente pensava iria salvar o mundo... nós do Movimento nos achávamos uma elite diferenciada do resto: havia as moças fúteis, as pessoas indiferentes, e havia nós. [14]

A gente tinha, então, contato com jovens que vieram da Guerra. Eles também eram jovens judeus que estavam procurando alguma coisa, muitos deles, desenganados da vida e desenganados até da própria religião: “como um Deus judeu pode fazer com que seis milhões de judeus morressem na Guerra?”. Chegaram aqui e nem queriam mais saber de religião e, aí, começaram a caminhar para os movimentos mais de esquerda. A criação do Estado de Israel despertou muito os jovens judeus, e mesmo esses que tinham passado a Guerra começaram a ver em Israel uma saída. [8]

O grande movimento [juvenil], na época [1948], era o Betar, que era muito nacionalista, militarista e congregava os jovens com o objetivo de conquistar toda a Palestina para os judeus. Passei a freqüentar esse movimento, mas não me senti muito bem dentro dele com seu espírito de luta pelas armas. Ao mesmo tempo, consolidavam-se o Dror e o Hashomer. Como todo o jovem da época, experimentei todos os movimentos até que encontrei o meu: passei a freqüentar o Dror, que era sionista chalutziano. [21]

Com a proclamação do Estado de Israel, havia um zunzunzum sionista em geral e o pessoal ia para os movimentos sionistas como moscas. Quando eles chegavam, nós caíamos em cima para fazer-lhes a cabeça o que consistia em recitar a cartilha: “a solução para o judeu seria ir para uma terra própria e voltar à natureza para, em sua terra, construir um país socialista” (os árabes que se danassem). Na realidade, o objetivo que contava mesmo era o da Agência Judaica de Israel: estimular a emigração para fundar kibutzim e fazer uma rede de kibutzim nos pontos estratégicos. O resto é conversa fiada. (...) Se a ideologia do Movimento era um fator de atração? Meu primeiro impulso é dizer que nós éramos um bando de bunda sujas que dizia amém para tudo o que nos falavam. Mas não é verdade, não foi bem assim, tanto que havia militâncias diferenciadas. Não é tão simples explicar o que fez um ir para um lado ou para o outro... Eu cheguei às posições a que cheguei, naquela época, em parte por índole pessoal e por outras influências que havia tido antes de entrar no Dror que me conduziram ao socialismo. (...) O que atraía no Dror não era fundamentalmente a ideologia... o que contava era o conjunto das coisas (...) acima de tudo o que atraía era o kibutz (cuja fantasia, a que nós tínhamos em mente, era extremamente boba!) [17]

Minhas motivações para participar no Dror foram o ambiente, as pessoas, as amigas, a convivência... mas, principalmente, o sentimento de estar fazendo algo absolutamente novo e revolucionário (que toma a pessoa aos 16, 17 anos) que tomou boa parte dos jovens da época. (...) um grande entusiasmo com relação ao Estado de Israel, ao socialismo e ao kibutz, tudo isso eram coisas que, sem dúvida, podiam atrair com facilidade uma pessoa jovem na época. [19]

Eu me sentia atraída mais pela idéia do socialismo. Tinha lido a *Utopia* do Thomas Morus sozinha, porque havia na estante de minha casa. Eu não fui [para o Dror] por causa do sionismo, mas por causa do socialismo...[24]

Acho que, de fato, eu comecei a compreender as posições ideológicas do Movimento depois que eu saí. Analisando hoje, eu acho que, enquanto eu estava no Movimento, eu nunca me aprofundei suficientemente na teoria: eu estava lá prá gostar, acabei gostando e pronto. (...) O interesse pelo socialismo foi se desenvolvendo comigo paralelamente [ao interesse pelo sionismo], porque eu morava num bairro operário e sentia muito a questão da desigualdade social. Eu via a repressão contra os operários da Estrada de Ferro Sorocabana, as greves, a pobreza das pessoas, as meninas de fábricas têxteis com as bocas inchadas por causa de bolhas e calos desenvolvidos por

terem de passar o fio pela boca, operários carregando na hora do almoço sacos imensos de serragem para casa para botar nos fornos à lenha (eu achava que eles tinham as pernas tortas de tanto carregar sacos). Eu via essa injustiça social muito profunda e lá estava o Movimento vindo de encontro a isso. O Dror falava contra as injustiças sociais... e falava que “a melhor forma de os judeus lutarem contra isso era ter o seu estado e um estado socialista, que, de certa forma, seria a luz para todos os judeus e a luz para o mundo”. Isso era música aos meus ouvidos. Então, sionismo e socialismo eram duas coisas que se somavam, eram duas concepções de mundo que acabavam se juntando dentro do Dror e que resolviam a minha problemática pessoal de um lado e, de outro, a minha inquietação social. Aparentemente, eram a solução de tudo. [27]

No sentido sionista, eu era um fundamentalista, era uma missão de vida, uma visão de mundo: o sionismo tinha que ser! Era um caminho natural [desde cedo, por influência da família]. (...) [E ser socialista era] ser favorável a uma melhor distribuição de riquezas, ser favorável a que os meios de produção não ficasse nas mãos de poucos. Era uma posição, na realidade, contra o fascismo, olhando da perspectiva de hoje, eu diria que era mais uma posição contra do que uma posição a favor, porque nós éramos socialistas, mas não éramos a favor da União Soviética. Nós éramos contra a direita, porque a direita era uma lembrança muito recente: eu tinha 15 anos em 1960, há 20 anos o fascismo tinha dominado o mundo. [33]

O caráter romântico do Movimento e suas promessas alimentavam os sonhos<sup>58</sup> dos *chaverim*. A simples possibilidade de poder sonhar também era um motivo de atração para o Dror.

### 2. o sonho:

Acho que, no plano do consciente, o que me fazia ficar lá era a utopia: havia um projeto que era atraente para nós: construirmos uma sociedade nova, uma vida nova, uma relação nova... era um projeto atraente em torno do qual se podia conversar, falar, ler... [23]

Você, quando jovem, quer manter aquele teu sonho, não quer uma vida medíocre do dia a dia, quer viver o sonho, o romance, e o Movimento juvenil respondia a isso. [25]

A influência familiar também pesava. Como foi dito, havia *chaverim* que respiravam pensamento político, cultura judaica e humanista - valores do Movimento - em suas famílias. Vários deles também tinham irmãos e primos neste ou em outros movimentos juvenis (embora isso não fosse garantia de que tivessem a mesma trajetória, atuação e envolvimento).

### 3. influência familiar:

Alguns jovens acabavam muito envolvidos [em atividade sionistas] também por influência das tendências dos pais. Por outro lado, começaram a se separar e a trilhar os próprios caminhos (...) [distanciando-se dos] mais velhos que tendiam a se adaptar à nova situação no Brasil - já tinham sofrido os horrores de uma migração (que é, de fato, uma situação muito difícil) e não pensavam em ir para Israel, enfrentar uma migração de novo. [5]

Meus pais eram sionistas; um tipo de sionismo típico dos judeus do Leste Europeu. Meu pai era tesoureiro na Federação Sionista de São Paulo. Passaram a idéia sionista de certa forma aos filhos. Os encontros sionistas e atividades eram parte de nossas vidas e da vida da maioria dos nossos conhecidos. Era natural que eu me juntasse a uma organização juvenil sionista e, logo, minhas duas irmãs menores também. [Eviatar Friesel. *The days and the seasons*. Detroit. Wayne State University Press, 1996.]

Eu sou segunda geração de "droristas", pois já meu pai havia começado cedo sua militância na região onde ainda era Rússia; no Brasil, ele participava muito das atividades sionistas, era um ser político, vivia em reuniões. Minha mãe (de família rica e muito culta), provavelmente, politizou-se no ginásio, seu apelido na Rússia era "sufragista". (...) Fui colocado em uma escola primária de esquerda israelita (socialista progressista, ligada ao Bund) (...) que passava preocupações sociais, com o iídiche e com o Brasil. Depois fui para o Ginásio Hebreu Brasileiro (o único de judeus no Rio) simpaticamente do sionismo (...) [Cursei o] Científico não judaico (porque não havia outro). Nessa época, comecei a participar do Dror, com 15 anos. (...) Enquanto para algumas famílias, ter seus filhos no Dror era uma tragédia, para a minha era muito normal. [15]

Meu pai e quase todos seus irmãos (imigrantes judeus da Polônia) eram dotados de cultura humanística, liam muito e se engalfinhavam em debates políticos. (...) essa cultura humanística judaica, [cujos parâmetros fundamentais são messianismo, pensamento político libertário, o romantismo e o marxismo, foi] uma das chaves de minha formação.

(...) as outras famílias, mesmo as sionistas, normalmente não gostariam que o filho fosse para Israel - porque ele estaria longe, porque é arriscado, porque tem guerra, porque é o "filhinho querido", querem que ele seja rico e lhes faça muitos netos. Para o meu pai não, ele queria que a gente fosse para poder se orgulhar de nós. (...) [23]

O campo das idéias não era o único fator (e para vários nem tão fundamental) que mantinha os jovens no Dror. Uma série de outras motivações entrecruzadas conduziam os *chaverim* pelos caminhos do Movimento. Entre estas, a sociabilidade era importantíssima (aliás era o principal enfoque do proselitismo entre crianças e adolescentes). Lá os jovens se encontravam, faziam amigos, namoravam, divertiam-se sentindo-se entre iguais, entre judeus (um convívio considerado importante também pelas famílias judaicas).

#### *4. espaço de sociabilidade juvenil e convivência com judeus*

Me atraíram, no Dror, entre outras coisas, o ambiente, as amizades que fui fazendo, as garotas - afinal eu tinha 15 anos [quando entrei no Movimento]... (...) morando na Barra Funda, eu freqüentava grupos e jogava futebol e meu pai implicava comigo por freqüentar um meio não judeu: "- Se você vai se encontrar com moças (e rapazes) tem que ser em um ambiente judeu". Para satisfazê-lo, eu freqüentava os movimentos e me dei bem. [21]

Entre no Dror aos 16 anos. A entrada foi bem mais pelo caráter social... como entrar para um grupo de escoteiros ou de esporte. (...) Participei de umas duas excursões de um ou dois dias. Conheci as pessoas, fiz amizades... Gostei da convivência e comecei a me interessar pelas idéias. Foi lá também que, pela primeira vez, tive mais contato com as coisas judaicas e sionistas. Me senti bem no ambiente e, depois, com as idéias e fui me aprofundando um pouco mais no Movimento. [19]

Fui algumas vezes [ao Dror] para ver se gostava. Achei legal, porque era um grupo de jovens. Eu tinha 14 ou 15 anos... e talvez eu me sentisse deslocada na cidade, porque eu [saí de minha cidade no interior e] fui estudar em São Paulo... então, houve, ali, um grupo que me acolheu e me tratou super bem. Lá, eu podia trocar idéias e podia me expressar também. [24]

[olhando hoje, percebo que] a idéia de pertencer à alguma coisa também era importante (...) e [nesse sentido] o Movimento juvenil era mesmo muito atraente para os jovens. Lembre-se de que a época era outra... sem televisão... a socialização era no máximo a escola, a rua, um pouco... e de repente há um grupo de pertencimento como o Dror... [31]

A minha vida era muito centrada no bairro e a movimentação se fazia através de um sistema de referência fisicamente muito restrito às coisas que existiam no bairro. O deslocamento era entre a escola (judaica, perto de casa) e voltar da escola e, nos fins de semana, ir ao movimento chalutziano - esses eram os espaços em que os jovens se encontravam. (...) Não havia tantas oportunidades de escolha, aquilo que era apresentado você acabava achando valioso. Eu me acostumei a gostar. Eventualmente, se tivessem me levado para um clube onde tivesse outro tipo de atividade, até de lazer, talvez eu pudesse ter opção de escolha. [28]

As pessoas escolhiam entrar no Hashomer ou no Dror por questões de amizade, meio ao acaso. Depois de entrar, cada um se dedicava a seu movimento com tal intensidade que os dois se tornavam concorrentes. Toda nossa vida passava a ser praticamente centrada no Movimento, não havia outra. [Nós, os chaverim,] estávamos sempre juntos... o Dror era prioridade... [6]

Para os que se sentiam deslocados e tinham problemas de relacionamento em seu meio (problemas na família, dificuldades na escola ou falta de identificação com os jovens do ambiente em que viviam por diferenças culturais ou econômicas), o Movimento era um lugar especialmente acolhedor.

*...identidade e pertença:*

Mais do que a casa, escola ou o ambiente de trabalho [num jornal], o Movimento juvenil sionista finalmente me deu, o jovem rapaz desorientado, um enquadramento social e uma nova direção na vida. [Eviatar Friesel. *The days and the seasons*. Detroit. Wayne State University Press, 1996.]

Meus irmãos não chegaram a entrar no Movimento, acharam aquilo uma excrescência, uma loucura... andava-se mal vestido e arrebatado, o fim da picada! Mas eu estava muito bem lá, eu me dava muito bem. Para mim, era um grupo bom de amigos. Entrei com 10 anos em uma kvutzá e fui acompanhando... Para mim era muito agradável (...) Um dos principais atrativos era o companheirismo. (...) os meus amigos ficaram sendo os do Movimento. Lá eu tinha amigos! Então era por isso que eu ia. Tinha muita atividade (...) e era muito bom. Lá era a casa! Sabe quando você é assim: não pertence a lugar nenhum, e tem um lugar onde você é aceita e você pode fazer alguma coisa? Então, [esse lugar] se torna muito bom. (...) Ficava difícil conviver fora do Movimento, porque na escola era ruim, em casa era ruim, e eu não tinha amigos fora, meus amigos, que me aceitavam, eram do Movimento. [26]

Onde eu morava, no Tucuruvi, na Zona Norte, havia poucas famílias judaicas, 8 ou 10 (...). Como nós, crianças judaicas, nos sentíamos naquela época? Acho que havia um vazio que esses movimentos juvenis vieram ocupar: por exemplo, eu era judeu, eu não fazia nada que os judeus fazem, mas em compensação, não fazia nada que os católicos fazem... não ganhava presente de Natal..., e, na escola, a gente saía na hora da aula de religião, além de ouvir aquelas coisas que se ouve sempre aqui e ali, do inconsciente católico, sobre o judeu que matou Cristo etc., que são a base do anti-semitismo. Então, a criança judia daquela época, com 7 ou 8 anos, começava a se sentir diferente das outras... e podia, eventualmente, ser hostilizada (...) Nesse sentido, é que os meninos judeus, às vezes, acabavam se encontrando, por um ou outro motivo, sentindo que havia entre eles algo em comum (...). Eu acho que esses movimentos [juvenis judaicos] surgiram em uma época em que eles traziam alguma coisa para nós que a gente não tinha... por exemplo, numa família de italianos o pai torcia para o Palmeiras, levava os filhos para ver o jogo... o judeu não ia assistir jogo de futebol... como essa deve haver várias coisas que faziam os judeus sentirem uma espécie de carência de socialização e o Movimento, quando chega, preenche esse vazio com uma atividade semanal de encontro, excursões, palestras etc. e isso pode explicar o fascínio que o Movimento tinha, porque ele pegava a gente e pegava mesmo. De repente, você começava a pertencer a alguma coisa. [23]

[O Movimento trazia para os jovens como eu] uma identidade, porque eu acredito que todo judeu

que vivia num bairro de periferia ou numa cidade do interior sentia-se muito acuado com relação à sua identidade, especialmente o pré-adolescente. Eu nunca senti nenhum tipo de discriminação, o meu problema era o *que eu era?* - havia as festas de malhar o Judas, Natal, São João, o pessoal ia à Igreja e eu não tinha nada a ver com isso, tinha aula de religião na escola e eu saía da sala (...) Então o Movimento juvenil me permitiu, mais do que tudo, a formação de uma identidade judaica (...) pertencer ao Movimento foi [para mim] uma solução muito fácil, fácil e boa, porque respondia aos meus anseios de ter uma identidade, encontrar com pessoas com quem eu podia ter diálogo, que liam... Quanto mais periférico o lugar em que se morava, o Movimento juvenil exercia uma atração mais forte. (...) A dinâmica própria do grupo em si já satisfazia nossos anseios, pertencer ao grupo já era uma coisa muito boa, por isso, basicamente, nós estávamos lá - era um fim em si, não era um trampolim para chegar a Israel. Evidentemente, com o passar dos anos, você deixava de ser um adolescente e aquilo deixava de ser um fim em si. Mas, enquanto isso, você se encontrava com aquele grupo, arrumava uma namorada, discutia um livro, galgava uma carreira dentro do grupo, adquiria um certo status, uma identidade. (...) É difícil dizer, nessa época de adolescência, o que atraía mais. Um olhar retrospectivo não é fiel aos meus sentimentos da época. Tentando ser objetivo, eu diria que foi a atividade de grupo [o que mais me atraiu no Movimento], encontrar um interlocutor para meus anseios de jovem que pertencia a um bairro proletário e não encontrava eco no pessoal de minha rua (...) Em casa, lia-se muito. A maior parte do tempo, eu passava lendo o que havia na biblioteca. E o meu bairro era de gente simples, sem muita formação. Então, embora eu não tivesse lá problemas de relacionamento - jogava futebol etc. -, não tinha com quem falar. Desde o Movimento, eu encontrei com quem falar, trocar idéias e sentimentos... numa perspectiva maior do que aquele pequeno mundo de um bairro na periferia de São Paulo nos anos 40 e 50. [25]

Eu era uma menina muito sem amigos. Lia desesperadamente, para me distrair. Tinha dois amigos judeus, mas moravam em outros bairros e [no meu bairro] eu não tinha quase amigos. Era muito tímida e não aceitava convites para festas. (...) aos 14 anos, fui convidada para uma reunião... era uma kvutzá que se reunia no porão da casa do [... - chaver do Movimento] ... e, finalmente, eu tinha com quem falar dos livros que tinha lido. Fiquei feliz, me dei bem no Dror. O que me atraiu no Dror foi encontrar pessoas que liam o que eu lia. (...) O Movimento foi isso para muita gente: identificação, amizades... um lugar de adolescência que você não pode ter melhor, um lugar de adolescência perfeita. No Dror, fiz grandes amigos. (...) Eu não me interessava tanto por Israel ou por ideólogos. Eu me identificava com as posições do Movimento, não estava claro que depois eu sairia, mas só me envolvi parcialmente. (...) Eu estava envolvida emocionalmente: o Dror era um lugar em que o fato de eu ser pobre e morar [naquele determinado bairro] não contava e sim o número de livros que eu tinha lido - era a minha vantagem, eu não era uma beldade, ou atleta, ou rica, eu só gostava de ler e, no Dror, isso era valorizado. (...)

Olhando hoje: eu, na verdade, queria um lugar aqui. Nasci [...] [em país da Europa Central], não me achei muito no Brasil, tinha muito pouco contato com o Brasil, era uma coisa de coletividade pequena doze ou quinze amigos dos meus pais ou coisa assim. No colégio de freiras, eu não me identifiquei, porque eu não era católica. No Mackenzie, 95% dos colegas eram muito mais ricos e me dava uma certa timidez, que foi 'extinguida' pelo Dror, foi o grande [feito do Movimento]... enfim, o Dror foi o grande elemento que me disse: "tem gente como você". Ter estado no Dror foi uma das coisas mais importantes da minha vida. Eu, com as categorias de hoje, diria que eu fui uma criança quase autista, eu tive muita tragédia na minha infância (...) tive uma migração... (...) ficava lendo o dia inteiro, meio desligada. Demorei muito tempo para 'me ligar'. 'Me liguei' no Dror. O Dror foi como se tivesse terminado a minha migração, eu cheguei. Mas eu cheguei e queria ficar e eles queriam ir embora... [16]

Em alguns depoimentos, fica ainda mais claro o problema da falta de identificação de certos jovens judeus com os rapazes e moças de seu meio, especialmente entre aqueles que já tinham incorporado a idéia de serem judeus e, por isso, basicamente diferentes dos não-judeus, o que implicava em limites (e temores) no relacionamento com os *goim* (comportamento este altamente estimulado pelos pais). O ingresso no Movimento juvenil judaico teria sido a solução (ao menos provisória) para esse problema e mais, também a

solução para a falta de identificação desses mesmos jovens judeus com os outros judeus de seu meio, com quem, forçosamente, conviviam nas sinagogas (pronunciando palavras que não lhes tocavam o coração), nas famílias (lamentando por seus mortos, desconfiando dos vivos ou fazendo planos sem nunca concretizá-los), nas lojas e nas ruas (levando uma vida de comerciantes, que não lhes atraía e, portanto, não lhes servia de modelo) e nos livros de história (quase sempre como vítimas passivas do destino).

O Movimento me possibilitou, acima de tudo, "sair de Sorocaba". Quero dizer, eu estava em Sorocaba, mas não era sorocabano, porque nunca me passou pela cabeça morar em Sorocaba. Em Sorocaba, não tinha escola judaica (...) estudei em escola pública... A gente [minha família] fazia parte da comunidade judaica de Sorocaba, apesar de estar claro para mim, desde aquela época, que o que eu tinha em comum com eles era simplesmente o fato de que nós todos éramos judeus. Não era o grupo dos meus sonhos (...) (quando você vive de uma maneira mais global, você vai tendo a oportunidade de conviver com pessoas mais interessantes, quando você tem uma comunidade pequena você não tem muita opção de quem você escolhe, é com aquilo que você vive). Como eu me sentia pertencente à comunidade judaica, eu acabava tendo uma vida pequena fora da comunidade. (...) aos 9 anos de idade, eu comecei a ir aos acampamentos do Dror. Era uma coisa muito marcante: não somente eu estava em contato outros judeus, de São Paulo etc. e tal, mas também eu estava fora de casa! Aos 15 anos aproximadamente, eu comecei a viajar para São Paulo para participar das reuniões. (...) [O Dror] era uma coisa a que, eu julgava, eu pertencia, muito mais que a Sorocaba (...), no Dror, existia um ambiente, uma sociabilização - está aí - o fato de se encontrar mais gente, de se discutir, de se encontrar com rapazes e moças (e até ter lá uns casinhos...) [me atraía muito no Movimento]. [33]

Com 13 ou 14 anos [1954], me animei com o Movimento: era um ambiente no qual eu me sentia bem, seguro - de alguma forma, talvez eu reproduzisse o terror dos meus pais, uma certa desconfiança para com os não-judeus (...) Eu gostava de aquilo [o Movimento] ser uma convivência em que eu podia ser amigo dos rapazes e eventualmente namorar alguma menina sem medo de que estivesse incorrendo num código inadequado com relação àquele que foi ensinado pelos meus pais. Eu não tenho dúvida nenhuma, hoje, de que eu fui educado basicamente como um judeu tradicional, mas eu rompi muito cedo com a religião. Então, a minha ligação com o judaísmo passou a ser uma ligação etnocêntrica, nacional. E eu estava em busca de uma identidade nacional e em busca de uma normalização da minha prática social, pois eu me sentia extremamente inibido nas minhas relações com não-judeus. Eu acabei tendo, de fato, vários amigos não-judeus e acabei desempenhando um papel cultural importante [na minha escola], mas eu sabia que haveria um limite além do qual eu não poderia ir (isso me era lembrado sempre pelos meus pais): a confiabilidade com relação aos não-judeus era limitada, e, mais grave que isso, talvez, ou tão grave quanto, era que eu não podia ter namoradas, não podia realmente fazer um investimento sério em meninas não judias. Isso me foi ensinado de uma forma muito enfática; eu tinha idéia de que, se algum dia eu fizesse isto [namorasse uma não judia], seria uma coisa gravíssima com relação a toda história do povo judeu, eu estaria ameaçando a continuidade do judaísmo, eu estaria fazendo uma desfeita tão profunda aos meus pais que seria inimaginável... Isso era, portanto, um traço muito importante na minha formação, de uma forma talvez muito primitiva para mim aos 10 anos, mas que ficou na minha cabeça quando eu tinha 16 ou 17 anos. (...) O meu rompimento com a religião foi logo depois da minha Bar Mitzvá (...), não foi para mim uma coisa profundamente difícil, mas foi socialmente complicado, porque ou se era uma coisa ou se era outra naquela Sorocaba dos anos 50. Aí, eu fui ver o que era o "verdadeiro" judaísmo, segundo o que se ensinava no Movimento: era o judaísmo nacional (...) Eu queria ter orgulho do meu judaísmo, eu não queria ter vergonha ou medo (...). Então era isso o que me atraía profundamente no Movimento: eu queria normalizar a minha relação com o mundo (...) queria poder andar na rua e confiar nas pessoas que estavam a meu lado e ter amigos para quem eu pudesse contar as minhas angústias, as minhas ansiedades. (...) [os limites de meus relacionamentos no Brasil] me magoavam muito, eu tinha amigos que eram amigos de coisas superficiais, (...) as amigas podiam dar em namoro e namoro com elas não dava, porque não eram judias. (...) Eu queria ser um ser humano, não comum, mas normal, essa era a minha grande ansiedade. E o Movimento me parecia ser o caminho para isso.

(De fato, a segurança de conviver com meus iguais, que eu não tinha em Sorocaba, consegui encontrar no Movimento... namoriquei algumas meninas... fui bastante amigo de outras). [27]

O grau de autonomia dos jovens com relação aos adultos obtido dentro do Movimento juvenil era também algo que se mostrava extremamente atraente aos que participavam do Dror. Numa época da vida em que se era chamado a “ficar de molho”, aguardando a chegada da vida adulta com suas promessas de que aí então haveria possibilidades de escolha do próprio destino, maior independência e maior participação política e social, o Movimento chegava à juventude apresentando oportunidades de “atuar já”, sem esperar muito mais pela “maturidade social”, afirmando que os jovens já podiam fazer escolhas importantes, já podiam participar politicamente e fazer valer suas opiniões e, mais, que era especialmente da juventude a energia necessária ao empreendimento revolucionário do porte proposto aos *chaverim*. Numa espécie de versão oficial da história dos primeiros tempos do Movimento, o livro *Bror Chail*, publicado em 1956, explicava aos leitores o que havia trazido ao Dror aqueles que, mais tarde, se tornaram membros desse kibutz em Israel:

(...) foi uma idéia ética, humana, o grande impulso que nos trouxe ao Movimento. (...) Toda juventude exige uma missão, e mais que todas, a juventude judaica, mais vibrátil, mais sensível espiritualmente. A pobreza em si da vida que levávamos, o praticismo limitado de uma coletividade que depressa enriquecera (...), o estreitismo provinciano de um meio ambiente encerrado em suas próprias satisfaçõezinhas, conceitos e preconceitos, indiferente pelo que se passa ao redor, no mundo, a falta de um ideal. E de repente, a grande utopia, a convulsão heróica do reerguimento do Estado Judeu, e um reerguimento em bases de igualdade e justiça social (...), no kibutz, a sociedade mais livre (...) isso abalou toda a parte melhor e mais idealista de nossa juventude, fê-la erguer-se e dispor-se de corpo e alma à grande missão que os tempos lhe ofereciam.

Nos depoimentos, vemos a importância que adquiriu para muitos um espaço exclusivamente juvenil oferecendo aos jovens a possibilidade de “participar já”, gastar energia, ter voz e vez, traçar para si metas diferentes das que seu meio lhes propunha...

##### *5. autonomia e possibilidade de atuação*

Tínhamos um jornal mural e cada kvutzá editava um próprio. Era algo efervescente... a gente escrevia... todo mundo sentia necessidade de se expressar. Era como se montássemos uma cultura própria nossa. Isso era muito atraente e nós nos envolvíamos muito. [21]

(...) a idéia de estar com a verdade... discutir sobre as injustiças da vida... (na Reunião da Lapa, nós mandamos até uma moção de apoio à Internacional) achávamos que podíamos palpar sobre tudo e sobre todos... isso tudo atraía muito. (Hoje eu acho isso tudo muito engraçado...). [10]

Diferentemente da sociedade em volta, o Movimento trazia para os jovens a possibilidade de se exprimir completamente numa fase da vida em que (hoje se reconhece) o ser humano é relativamente subjugado e numa fase da vida em que se tem enormes capacidades. O Movimento juvenil deu ao jovem a possibilidade de ele se expressar completamente, ricamente. Simplesmente, porque o Movimento juvenil criou uma tarefa que só jovem podia realizar. Gente adulta não pode entrar no kibutz, isso não é para eles. É preciso ser jovem para largar tudo e começar de novo. [11]

O Dror era realmente um negócio fascinante para uma juventude que não tinha muita alternativa de outro caráter que não fosse esportivo... [uma oportunidade] de fazer outra coisa que não fossem as obrigações escolares. O Dror era uma alternativa muito atraente, porque ele te dava um ambiente muito caloroso, te dava uma missão, dava sentido à vida e você se sentia entre iguais. [13]

O que era bom no Dror é que lá a gente tinha um espaço em que a gente era gente grande, quero dizer, em casa, na família, não tinha muito espaço para a pessoa ser autônoma e lá a gente se sentia autônoma com orgulho, sabia o que queria, isso era muito importante (...) Além disso, lá se aprendia (...) [a] ser socialista também, porque a consciência política foi muito desenvolvida. [18]

Além de ser um Movimento de jovens para jovens, orgulhoso de sua independência, no Dror, uma atenção especial era dada aos que pareciam ter alguma dificuldade, faltavam às reuniões ou tornavam-se desatentos. Os *madrachim* costumavam encontrar seus *chanichim*, pouco mais novos que eles, fora dos períodos de reunião, especialmente quando havia algum problema, para conversar sobre o assunto, qualquer que fosse, desde dificuldades com a família, questões pessoais, orientação sexual a dúvidas sobre o futuro, talentos e vocações. Muitas vezes, o guia acabava se intrometendo nas brigas entre o *chaver* e sua família, procurava conversar com os pais tentando ajudar a resolver os conflitos. O sentido de responsabilidade de uns sobre os outros era algo muito incentivado no Movimento e não só entre guia e educando, mas entre os próprios companheiros de *kvutzá*.

O "trabalho pessoal" que uns faziam com outros era uma coisa importante pra nós todos: nós estávamos todos em briga com os pais, todos sem exceção, essas brigas tinham razões as mais diferentes (por exemplo, poder chegar em casa tarde da noite...). (...) Era um Movimento de jovens em idade de crise, 13, 14, 15 anos, uma fase de definição sexual, definição profissional, definição em relação à família um monte de coisas. Eu acho que ele funcionou maravilhosamente nesse sentido de se ter com quem conversar, em quem se apoiar, com quem eventualmente tirar suas dúvidas, receber orientação se você quisesse. [13]

Os entrevistados contam que, no Dror, sentindo-se entre iguais, em alguns casos, podiam se contrapor à autoridade familiar e receber apoio e solidariedade do grupo.

Na medida em que você tinha briga com seus pais, [no Movimento] você tinha razão (pelo menos você conseguia uma justificativa ideológica para tua insatisfação [risos]). Era um momento em que as pessoas jovens precisavam se auto-afirmar. Era um negócio gozado, porque, quando se sentavam os 10, 11 e começavam a falar do que estava acontecendo na casa de cada um, se via que era tudo igual... [13]

Olha, eu acho que essa é uma época [a juventude] em que o que nós queremos mesmo é fugir da família. Talvez isso seja um outro fator de explicação do sucesso do Movimento: ele vem numa época em que o jovem quer fugir da família e ele não tem espaço para fugir... E quando a gente entrava no Movimento, a gente esquecia a família, não queria nem saber, e a família quase não participava. O Movimento era também um modo de você declarar uma autonomia em relação à família. [23]

Se o Dror se mostrava para alguns como uma alternativa à *mesmice*, ao futuro reservado ao jovem de classe média na sociedade brasileira, para as moças, esse aspecto pareceu ser ainda mais relevante.

#### 6. alternativa ao estilo de vida e às relações de gênero dominantes

Eu tenho impressão de que eu permaneci lá [no Movimento] mais porque eu tinha horror de ser burguesa, ou seja, ter uma vida medíocre, casar, ter filhos, ficar velha, ficar em casa, aquela vidinha... então eu achava que iria fazer uma revolução socialista, iria morar num lugar diferente (...). Eu achava que seria uma vida alternativa e revolucionária! (...) O que me atraía nas posições do Movimento era a diferença da *mesmice* aqui. Quando eu olhei minhas primas, vi que elas tinham uma vida que eu considerava totalmente imbecil (arrogância da gente, não é?) elas eram

ecos já da juventude coca-cola, elas eram, a meu ver, perfeitas nulidades... não se interessavam por coisas sérias feito eu... e a vida delas era muito superficial. [26]

E ainda, com relação às moças, o Dror era visto como uma alternativa sedutora aos caminhos reservados a elas pelas relações de gênero dominantes.

Os movimentos juvenis eram muito adiantados para sua época, especialmente numa sociedade muito provinciana como era São Paulo naquele tempo. Independentemente do objetivo Israel, o que caracterizou os jovens do Movimento foi a fuga da futilidade. Nos anos 50, as ambições dos jovens rapazes se resumiam a profissionalização, ascensão social, para as moças havia uma diferença maior ainda que entre os rapazes de dentro e de fora do Movimento: uma moça nessa época era educada para arranjar um bom marido e para nós, [no Movimento], casar era uma coisa de menos, não era tão importante. Os rapazes com 20 anos ainda eram um pouco jovens para se casar, mas as meninas nessa idade já estavam aptas. No Movimento, não havia essa preocupação, elas amavam sim, mas não esperavam se ajeitar na vida através do casamento. [6]

Havia no Movimento uma possibilidade diferente para a mulher. O Dror também era uma opção para as mulheres nos anos 50. Eu achava que [o Dror] dava uma liberdade, uma igualdade à mulher muito maior do que eu via fora (na minha casa, na vida das mulheres, na vida das jovens que não iam ao Dror, que eu achava que eram muito fúteis, se preparavam para o casamento já aos 15, 16 anos, se pintavam, só iam a bailes), isso era uma coisa absolutamente fascinante: a possibilidade de você também exercer seu potencial como ser humano. O casamento ou uma relação amorosa contavam também, mas não era o que movia... não era mais o destino da mulher. (...) Essa consciência de que o Dror era uma coisa diferente para a mulher eu já tinha na época. Certamente isso foi muito marcante. [20]

Amizades e amores também mantinham certos jovens no Movimento (assim como brigas pessoais podiam provocar afastamentos). A idéia de que a vida no kibutz seria boa, porque, afinal, *todos os meus amigos estariam lá* também tinha muita força no imaginário de vários *chaverim* e um raciocínio como *sem o meu melhor amigo lá, vai ser mais difícil enfrentar a vida no kibutz* chegou a pesar nas considerações de alguns *chaverim* que pensaram em abandonar o Dror.

#### 7. ligações pessoais

O carisma dos *madrachim* e das lideranças também envolvia os participantes. Não são poucos os que, recordando, citam um ou outro nome do Movimento como detentor de uma influência poderosa em sua trajetória de *chaver*.

#### 8. influência de líderes

Eu tinha um amigo socialista com quem trocava idéias e que depois virou líder do Movimento, o Bernardo Cymring (um cara extremamente inteligente com um carisma fenomenal, um cara destinado a ser líder político mesmo). Ele me convenceu a largar a medicina, ir para a Hachshará e emigrar para Israel. [5]

Não pode deixar de ser mencionada também a grande força de atração e motivação que as atividades educacionais do Movimento exerciam sobre os jovens proporcionando um verdadeiro aprendizado que os levava a ligar-se emocionalmente ao Movimento e identificar-se com suas propostas. As idéias educacionais e o cotidiano no Movimento serão

examinados nos próximos capítulos. Por hora, basta mencionar a existência de uma grande variedade de atividades que ofereciam oportunidades de diversão, aquisição de “capital cultural”, desenvolvimento físico e artístico dos membros do Movimento e criavam espaços para diversos tipos de atuação.

#### *9. a ação educativa e as atividades do Movimento*

Até os 12 anos [1952], quando começaram a me “proselitar”, eu só fazia esportes, tinha... uma vida bem de Tatuapé... (...) Entrei para o Dror por volta de 1953, quando o Éden Lam (que também tinha 13 anos) e seu irmão vieram bater na minha porta, se apresentaram “- Somos do Movimento... você não quer conhecer?” (...) eu nem imaginava do que se tratava e coloquei uma certa resistência. Eu estava ocupado com esportes, basquete, natação, e nem me lembro por que eu acabei indo pela primeira vez... talvez curiosidade... em um certo domingo, o Éden foi me buscar em casa - era assim o procedimento - e eu fui para uma reunião da sua kvutzá. Pegamos o bonde e fomos até o Bom Retiro. Chegando lá, foi paixão à primeira vista, já na primeira reunião que eu fui! (...) os atrativos? nem sei, foi um conjunto de coisas: eu descobri que havia um mundo de gente que pensava, que discutia, o que era novo para mim... eu estava acostumado a ir ao Corinthians jogar basquete e brincar na rua com crianças que não estavam nem aí com nada e de repente eu chego lá e vejo um monte de gente discutindo um assunto e fiquei muito impressionado. A figura que mais me impressionou foi o Benjamim Ostrovietski: tinha um ar de intelectual desde criança, baixinho de óculos (hoje é embaixador de Israel em Portugal) - mais tarde a gente gozava seu hábito de andar com livros debaixo do braço: “um porta sovaco” - quando eu cheguei, a primeira coisa que ele me perguntou foi o que eu andava lendo... “- Como? Eu ando lendo gibi.” e ele me olhou com um ar de desdém... Eu fiquei maravilhado com o próprio grupo e o ambiente... a sede, seus jornais de parede, seus murais... me deixaram fascinado, então nunca mais deixei de ir ao Movimento. [31]

Entre por acaso a convite de um primo meu, que estava em uma kvutzá monitorada pela Elena Camerini: “- Vamos lá, é legal.”. E no início não significava nada além de reuniões agradáveis em que se brincava, se jogava, se flertava. Eu não tinha nem 15 anos, comecei a gostar do grupo e fui ficando. Depois dos 16 anos, [o Dror para mim] tornou-se algo mais sério, a medida em que eu fui escutando os motivos e fui ficando muito ligada a Israel. Fui entendendo o que havia acontecido com os judeus no Holocausto. Fui me apaixonando pela idéia de socialismo. (Puxa! como mudaram as coisas, naquela época, o socialismo estava no auge.) Comunismo, socialismo... a gente achava que o mundo iria ficar assim. E para mim, e acho que para todos nós, a redenção começaria em Israel, no socialismo... e passava pelo kibutz, que seria um exemplo para o mundo todo. O socialismo passou a ser uma das coisas talvez mais fortes que me mantinham no Dror. [20]

Outra coisa que [nos] prendia lá eram as excursões, uma coisa fantástica, sensacional (os tiulim, passeios de um dia, os passeios de 2 ou 3 dias e as machanot, acampamentos de quinze dias). Nos passeios de um dia, fazíamos as mais diversas coisas por aqui. Nos de 3 ou 4 dias, subíamos as Agulhas Negras em Itatiaia. Fizemos acampamentos em Petrópolis, por exemplo. Esses acampamentos deixavam marcas inesquecíveis: uma coisa muito intensa, uma farrá que não acabava mais... a turma ficava esperando por essas ocasiões que eram muito importantes. [23]

Em momentos diferentes eu gostava de coisas diferentes no Dror. Uma das coisas de que eu gostava muito aos 13, 14 anos eram as “maratonas intelectuais” que existiam nas machanot (...) como eu lia muito, gostava mesmo de ler, o pessoal gostava da minha participação, era um momento em que eu brilhava bastante e me sentia muito bem. Esse era um tipo de coisa que não existia fora do Dror. Nesse período, eu tinha me tornado um mau aluno na escola (...), porque eu era bastante intelectualizado e achava a escola uma droga... (...) Essa área intelectual me atraía bastante no Movimento. Eu não achava nem um pouco interessante as grandes caminhadas a pé ou os acampamentos feitos em Iona - isso não me atraía especialmente - ou fazer cocô em privada suja, nunca considereei isso muito romântico ou muito “natureba”, nunca me atraiu, embora, talvez, atraísse outras pessoas. [27]

Shlichim dos movimentos costumavam ir a Sorocaba... Aos 11 anos, eu cheguei a ir para uma machané do Kibutz Hameuchad, porque seus shlichim vieram nos procurar e os meus pais gostavam que a gente fosse para ter contato com crianças judaicas e também, assim, a gente tinha um programa para as férias... De São Paulo [1949] começaram a vir os madrichim do Dror nos fins de semana e nós fazíamos reuniões. Esse foi o começo... mais como uma amizade e uma espécie de atividade social do que cultural ou ideológica. O fato de eu ter entrado no Dror e não no Hashomer Hatzair foi pura coincidência (...). Aos 15 anos, comecei a participar das atividades em São Paulo, eram reuniões de minha kvutzá quase todos os fins de semana (...). Daí eu comecei a entender o Movimento do ponto de vista ideológico sionista socialista. Comecei a ler mais livros...[22]

Aos 13, 14 anos entrei para o Dror e todo o resto de bagagem judaica que adquirir foi no Movimento e daí para frente. Minha entrada foi casual. Sábado, eu costumava jogar futebol na rua... naquela época, o Dror costumava ter monitores que iam para os bairros onde havia uma concentração judaica e tentavam agrupar a garotada entre 8 e 14 anos para atividades (...) minha mãe, com medo de que eu me assimilasse, insistiu muito para que eu deixasse de jogar futebol com os "mulatos da rua" e fosse ter com meus "amigos judeus"... Houve um curto período de namoro entre eu e esse grupo, achei interessante a atividade e me engajei. (...) Para os jovens da época em que o cotidiano era Ademar de Barros (no máximo Jânio Quadros), futebol e o *Estado de São Paulo*, que era o ápice da informação (...), o Movimento, apesar de ser um grupo muito restrito, trazia um horizonte muito mais amplo... (...) De certa maneira, comecei também a liderar. E, desde então, fiquei no Movimento e fui para Israel sem nenhuma interrupção, num engajamento cada vez maior. [25]

Quando o Dror foi para a Rua Prates, soube que as crianças se reuniam lá para brincar... meu irmão já estava lá. (...) Entrei no Dror com 7 anos no grupo de tzofim, como criança que se reunia com o grupo nos fins de semana. Depois, comecei a participar de festinhas. Depois, na adolescência e juventude, o que me manteve no Movimento foi que, de uma certa forma, eu já estava doutrinado. O que eu queria era fazer aliá e viver com o meu grupo em comunidade. (...) Dentro de nossa própria kvutzá tínhamos uma caixinha comum para a qual todos contribuíamos. O conteúdo do Movimento me atraía, a maneira de viver, suas propostas. Eu passei a achar as coisas fora do Movimento muito vazias. Meu centro de vida passou a ser o Movimento. [29]

Ao serem questionadas sobre por que entraram no Movimento e o que as mantinha lá, as pessoas dão respostas muito variadas. É difícil definir qual a "motivação original" ou a "razão mais importante" ou "mais verdadeira" (se é que isso pode realmente ser feito, e esse nem é o objetivo). Prefiro enriquecer a análise fazendo uma montagem de trechos dos depoimentos que elucidam as diversas motivações dos *chaverim* no Dror: afinidades ideológicas e aspirações revolucionárias, possibilidade de sonhar, influência familiar ou de lideranças juvenis, razões de sociabilidade e identidade étnica e etária, estilo de vida alternativo, motivações pessoais, opção de lazer, envolvimento com as atividades, receptividade à *ação educativa* drorista. É claro que, para cada um, pode ter havido uma escala dentro de suas próprias razões e que estas podem ter sido redefinidas ao longo de um período relativamente curto de tempo (por exemplo, da necessidade de amigos à convicção ideológica) e que o que levou o jovem para o Movimento pode ter sido diferente do que o que o mantinha, depois, lá. Na maioria das vezes, para cada *chaver*, as razões alegadas não eram únicas, misturavam-se. No conjunto, também percebemos que as motivações eram várias - de ordem política, histórica, sociológica, psicológica - e seria arriscado procurar estabelecer uma hierarquia geral entre elas. Havia, é certo, um núcleo provavelmente bastante motivado por razões políticas, acreditando na necessidade da Revolução - pensando que *o que queriam da vida não poderia ser conseguido sem mudanças*

*fundamentais na sociedade* - mas, como foi demonstrado, isso não pode ser generalizado para todos os *chaverim* e todos os momentos de sua passagem pelo Movimento.

Pessoalmente, digo que o que me levou ao Movimento foi a Guerra. Eu tinha 13 anos quando fui tomada por um sentimento profundo de culpa: por que eu sobrevivi a tudo? uma sensação de sobrevivência carregada de culpa e de que deveria haver uma resposta vingativa ao Holocausto. Tudo o que aconteceu não deveria ficar sem resposta. E, a mim, o Movimento ofereceu essa resposta. (...) Estas são as razões "históricas" que me levaram ao Movimento. Naturalmente, as "razões" são complexas: quando se é jovem, se deseja essa "coisa" meio congregária, ficar junto com outros. Mas é difícil saber exatamente o que pesou mais [na escolha de participar do Movimento], e por que eu sim tive uma determinada consciência judaica e optei pelo sionismo como resposta e minhas duas irmãs mais velhas (adolescentes que vivenciaram a Guerra de fato) não. [12]

Alguns dos que participaram do Dror chegam a dizer, geralmente com relação a outras pessoas, que, entre as diversas motivações dos jovens para participar do Dror, estão, *muito antes do idealismo*, a oportunidade de resolver problemas pessoais e *as neuroses* de cada um. Entretanto, como diz um *ex-chaver*:

É difícil responder [quais os motivos para entrar no Dror e permanecer no Movimento], porque têm as razões que a gente pensa que são verdadeiras e as razões que são as verdadeiras e que a gente nem sabe. [23]

O fato é que, de tão atraente, o Dror seduziu até alguns não judeus que chegavam acompanhados de *chaverim* para as atividades do Movimento e aos poucos se integravam ao grupo. Vários destes emigraram para Israel sendo o caso mais notório o de Senda, um japonês que, colaborando com seus conhecimentos agrícolas na Hachshará e criando laços com os outros *chaverim*, acabou no kibutz Bror Chail, em Israel.

#### 1.4. História do Dror no Brasil

A trajetória do Dror, até o início dos anos 60, pode ser dividida em três fases.<sup>59</sup>

##### primeira fase

Após a fase de constituição, o Movimento passa por um primeiro momento caracterizado pela expansão, que coincide com o clima emotivo e mobilizador da coletividade judaica no Brasil na época do pós-II Guerra e da Independência de Israel, em que é capaz de despertar o interesse de um número significativo de jovens. Nesse período, os *chaverim* discutem e rediscutem questões como nacionalismo judaico, coletivismo, revolução, igualitarismo, incorporam à sua maneira a ideologia pioneira e as diretrizes das organizações sionistas e *chalutzianas*, tomam contato com alguns autores e obras clássicas do sionismo socialista, iniciam a estruturação do Dror tendo como referência os movimentos juvenis europeus e passam a incorporar e educar outros jovens (desde o início da adolescência) com vistas à realização de seus objetivos. Grandes encontros nacionais são realizados e instaura-se um esquema de repeti-los de tempos em tempos.